

Uma participação “esquecida”: os anarquistas na Revolução Mexicana

João Gabriel da Fonseca Mateus

ZARCONI, Pier Francesco. *Os Anarquistas na Revolução Mexicana*. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2006.

As leituras e interpretações bolcheviques, sobretudo leninistas, sobre os movimentos revolucionários populares do século XX ainda são hegemônicas na historiografia e na cinematografia. Tais leituras elegem indivíduos e os caracterizam como líderes da revolução, caracterizando o movimento enquanto vanguarda. A posição criada desses indivíduos com características e capacidades revolucionárias superiores aos próprios agentes revolucionários causa uma visão etapista, missionária e acrítica da história. Esta resenha tem o intuito de apresentar as contribuições do anarquista Pier Francesco Zarcone no seu livro intitulado *Os anarquistas na Revolução Mexicana* dando destaque à presença dos anarquistas no movimento revolucionário, apresentando críticas a esta historiografia.

Esta obra, de forma geral, apresenta argumentos e fatos que colocam a relevância do pensamento anarquista, embora difuso e não-doutrinário, no processo histórico que culminou com o levante popular da Revolução Mexicana de 1910.

O anarquismo, enquanto corrente do movimento proletário, surge com o advento do capitalismo a partir da luta de classes em um determinado contexto histórico e social, para a construção de uma sociedade autogerida e antiautoritária. Assim, podemos afirmar que no contexto da AIT em 1864 as ideias do movimento libertário se espalham no mundo, de forma desigual.

Com um livro pequeno, porém muito informativo e carregado de fatos, Pier Francesco Zarcone, apresenta o contexto anterior da Revolução Mexicana, a Revolução e a Pós-Revolução.

O anarquismo, a partir dessa premissa, assume ao longo de seu desenvolvimento diversas características na estratégia e na forma de luta. É, pois, impossível encontrar uma ação una nos princípios anarquistas da Revolução Mexicana e na Revolução Espanhola, por exemplo, argumenta Zarcone. É por esse motivo que mostraremos a

viabilidade e problemas desse livro de Pier Francesco Zarcone para entender o papel exercido pelos anarquistas na Revolução Mexicana.

Logo na apresentação, Zarcone apresenta dois objetivos e utilidades de se tratar de anarquismo no contexto da Revolução Mexicana: a primeira, histórica, pois sem a influência anarquista a Revolução tinha tomado caminhos diferentes; segunda, pela política atual onde os efeitos da Revolução de 1910 estão na base do magonismo e do zapatismo do EZNL.

No capítulo *Síntese da História Moderna do México*, Zarcone apresenta argumentos mostrando que a tragédia do México não tem origem na conquista Colonial espanhola, “embora tenha sido vivida como uma catástrofe cósmica: o fim de um mundo no sangue e na destruição, na colonização forçada das ruínas do país e da própria psique das pessoas” (p. 9). Esse argumento se sustenta na existência de um governo asteca regimentado em práticas de guerra e subjugação de povos minoritários no Império. Mas, há de se destacar que a colonização espanhola foi preponderante na dizimação de povos indígenas através de conquistas territoriais, religiosas, econômicas, etc.

A condição de submissão mexicana não acaba com a Independência em 1821, pois alguns anos após, especificamente em 1845, o México perde territórios para os Estados Unidos. De toda forma, o México se lançou em guerras civis para por fim às oligarquias que acabaram com a vitória de forças reacionárias e conservadoras, agravadas com as intervenções econômicas de países como a França, Inglaterra e Grã Bretanha. Mais que a mera intervenção exterior, em 1876, Porfírio Diaz ascende ao poder e instaura uma ditadura militar regada de repressão à revoltas populares. O quadro político, social, econômico do período antes de 1910 pode ser caracterizado com total submissão da população aos governos, sejam europeus, sejam nacionais.

No segundo capítulo, intitulado *As Origens do Anarquismo Mexicano* a escrita de Zarcone aparece como uma crítica à leitura determinista e personalista que aponta que o nascimento do anarquismo mexicano se deu com Ricardo Flores Magón. Para o autor, “o nascimento desta corrente no México aconteceu pelo menos 50 anos antes da grande revolução de 1910” (p. 17). Porém, o autor cai no personalismo quando elege o imigrado grego Plotino Rhodakanaty como o precursor do anarquismo no México, influenciado pelas ideias de Fourier e Proudhon, quando editou a *Cartilha Socialista*, de origem fourierista e em 1863 formou o *Grupo de Estudos Socialistas* que posteriormente formarão a *Sociedad Particular de Socorros Mútuos* e em 1868 a

organização da sociedade secreta *La Social-Sección Internacionalista* de inspiração bakuninista. Diversas outras organizações de cunho bakuninista se formaram em torno de Rhodakanaty, Villanueva, Zalacosta e Villavicencio. Ressalta-se nesse período a principal organização anarquista do México chamada de *Sociedad Agrícola Ocidental* que nas décadas de 60,70 e 80 tem hegemonia nas atividades libertárias.

Outro indivíduo com grande contribuição apresentado por Zarccone é Chávez López, que publica um manifesto para incitar “os mexicanos à rebelião armada geral” (p. 20) em 1869. Este manifesto é a primeira “revolta mexicana de camponeses conceitualmente e integrada na luta de classes” (p. 21). Nesse ponto, fica evidente a posição que Zarccone tem do movimento camponês ao afirmar que só nesse momento há a integração do campesinato à luta de classes devido as contribuições de um único indivíduo.

Na década de 80, há de se destacar o movimento rural mexicano do *La Social* com José María González que incitava a população através de um plano de destruição do governo de Porfírio Díaz a criar associações autônomas. De maneira geral, o movimento foi totalmente reprimido. A década de 80 foi o momento principal de revoltas populares e também de repressões por parte do governo que culmina na morte de Francisco Zalacosta, ocorrendo um total controle do movimento operário criando cooperativas governistas e ilegalizando as práticas anarquistas.

No capítulo *O Século Novo: Ricardo Flores Magón*, o autor se dedica a mostrar que o pensamento anarquista mexicano nos primeiros anos do século XX esteve ligado a três características principais: cooperativismo, anarcossindicalismo e o anarquismo dos imigrantes espanhóis. Para Pier Francesco Zarccone, o anarquismo mexicano se desenvolve politicamente pela figura de Flores Magón. Bom, fora a publicação da revista *El Demócrata*, em 1900, com a influência de Paul Robin, amigo de Bakunin, os anarquistas fundaram o periódico *Regeneración*, trazendo uma militância contrária ao governo de Díaz. Com a criação do PLM (Partido Liberal Mexicano) de vertente “burguês muito radical” (p. 26), Magón, no ano de 1901 adere à perspectiva do partido. Esse partido tinha duas vertentes principais: o movimento guerrilheiro e movimento ligado aos indígenas. Com a interferência de Magón, o partido ultrapassa os objetivos originais de apenas expulsar Díaz do governo e a maioria de seus membros aderem às lutas libertárias. Essa radicalização de grande parte do PLM ocasionou no fato de Madero romper com o partido. No ano de 1907, devido a uma repressão do governo estadunidense, a maioria dos dirigentes do partido é presa. Com tal acontecimento, a

maioria dos filiados do partido que, aos poucos, aderiu à luta libertária foi indo para as fileiras maderistas, ocasionando uma deteriorização do movimento libertário. A questão do partido não representava nesse momento uma lógica estatista de disputa de eleições, cargos, etc., mas sim, uma perspectiva de indivíduos libertários pensando colocar um fim na ditadura de Díaz.

No capítulo *A Revolução*, o autor coloca o estopim da Revolução que leva Madero ao poder. A fraude eleitoral de 1910 comandada por Porfírio Díaz daria início a Revolução Mexicana. Esse enfoque dado por Zarcón mostra a sua perspectiva em relação ao magonismo. Para ele, Zapata, que posteriormente lutara em grandes revoltas no sul do México, não era formalmente anarquista, mas, objetivava o mesmo: *Tierra y Libertad!* Nesse sentido a proposta magonista era superior à de Zapata. Este capítulo também reserva uma interpretação da guerra civil de 1913 que deixou um saldo de 800 mil mortos, sendo a mais sangrenta da Revolução. Ainda apresenta uma fala de Magón contra as políticas e interesses oportunistas de Carranza e Villa. As brigas de indivíduos que queriam liderar o movimento e satisfazer seus interesses continuam até a subida de Carranza à presidência em 1919. Para Pier Francesco Zarcón, o fim do processo revolucionário se dá em 1928 com a morte de Obregón.

O penúltimo capítulo apresenta o título *Emiliano Zapata, Zapatismo e Anarquismo*. A temática dele reserva argumentos que a luta por *Tierra y Libertad!* fica apenas na mão dos zapatistas ao sul do México devido a morte de Madero e a crise do PLM. O autor ressalta preponderantemente que onde tinham influências zapatistas, os conflitos contra a propriedade privada e o capitalismo se dão de forma acentuada.

Depois da morte de Zapata e a recuperação do controle estatal no Estado de Morelos, o sistema das autonomias locais foi suprimido pela autoridade e os conselhos de localidades foram nomeados pelo governo do Estado. Assim, a autonomia se perde completamente. Ainda, é interessante ressaltar a relativização de Zarcón sobre os possíveis contatos entre os magonistas e anarquistas das cidades e Zapata e os zapatistas. De fato, a presença libertária nesses conflitos existiam, porém, de forma difusa e sem uma identidade geral. É nesse caso que temos a presença de Soto y Gama, um anarcossindicalista que aderiu ao exército zapatista.

O último capítulo do livro é destinado a mostrar como foi a decadência do anarquismo no México. A COM (*Casa del Obrero Mundial*) criada em 1912 foi um fator da dissidência do movimento e principalmente um dos seus erros fatais, apontados por Zarcón. Em *O Anarquismo Fora dos Campos de Batalha, a Aliança com a*

Burguesia Capitalista e a Decadência, Zarcone mostra como os zapatistas começaram a divergir em relação às políticas da COM, por exemplo, os sentimentos religiosos dos zapatistas. Assim, chega-se a tese de Zarcone em relação à derrocada do anarquismo: “a conclusão, fatal para o movimento operário, foi que, a aliança com revolucionários inflexíveis como os zapatistas, porém não ateus, e a aliança com a burguesia agrária e urbana, representada por Carranza, a pureza anarquista ateísta da maioria dos membros da COM escolheu Carranza!” (p. 52). Aí, para o autor, reside o princípio dos conflitos entre o movimento operário organizado e os camponeses revolucionários ao lado de Zapata. Outros conflitos também são narrados, por exemplo, dos anarcossindicalistas contra Villa e Zapata. Carranza deixava seu caráter político claro pelo apoio à propriedade privada e um Estado forte que tão cedo causou os conflitos entre a COM e Carranza. Esses conflitos que se seguiram no país acabaram constituindo o pano de fundo da decadência do período revolucionário.

O fim trágico se dá quando o próprio governo de Carranza reprime totalmente a greve geral de 1916 e faz conciliações entre capital e trabalho e principalmente com a morte de Ricardo Flores Magón e Emiliano Zapata. Até a própria CGT começa a aderir ao cooperativismo e ao corporativismo sendo totalmente desfavorável à luta libertária, criando condições do estabelecimento do fim da crítica central dos anarquistas que é a ruptura.

O apêndice releve a posição do autor frente ao anarquismo e ao magonismo e zapatismo. O que ele ressalta em relação ao magonismo e o zapatismo é que tais movimentos são fortes no México na luta contra o capitalismo, mas tem inúmeras deficiências. Em relação a sua posição ao anarquismo ele revela posições problemáticas, quando acentua que esses movimentos tem posições libertárias mas atuam na vanguarda do movimento por autonomia e liberdade. O fato é que existem inúmeras divergências entre anarquismo, magonismo e zapatismo, mas existem também confluências como no objetivo finalista que é o fim do capitalismo. Contudo, a organização é central para o fim do capitalismo, pois se intitulados movimentos libertários lutarem para a direção do movimento consolidará a opressão e a continuidade do capitalismo.

A premissa de todos os capítulos da obra gira em torno da crítica à escrita dominante e seus valores, que “esquece” fatos e acontecimentos que põe em cheque o capitalismo em todas as suas esferas. Apesar de não ter sido possível abordar todos os aspectos das relações dos anarquistas no México (obviamente!), o livro ajuda a resgatar as contribuições dos anarquistas na Revolução Mexicana de 1910.

João Gabriel da Fonseca Mateus

Graduando em Licenciatura em História pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Teconologia de Goiás. Autor do livro *Educação e Anarquismo: uma perspectiva libertária* (Rio de Janeiro, Rizoma Editorial, 2012). Membro do corpo editorial da Revista Espaço Livre. E-mail: joagabriel_fonseca@hotmail.com